

CRÍTICA / LIVRO / BATIDA SÓ

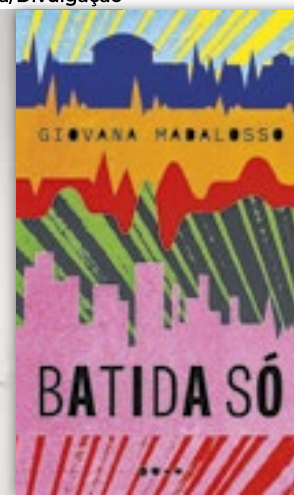
Renato Parada/Divulgação

A eterna mania de ter fé na vida

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

As protagonistas dos dois primeiros romances de Giovanna Madalosso guardam muitas diferenças da escritora paranaense, feminista com atividades profissionais mais criativas do que os ofícios de suas personagens. No entanto, a criatividade para sobreviver é o que move essas mulheres. Em “Tudo pode ser roubado” (Todavia, R\$ 56,90), lançado em 2018, uma garçonete dublê de ladra recebe a incumbência de roubar um exemplar de livro raro. Em “Suíte Tóquio” (Todavia, R\$ 60), de 2010, a babá Maju sequestra a pequena Cora, de quem cuida todos os dias, decidida a fazer da menina sua filha. Já Maria João, a jornalista que descobre, na meia-ida-



Giovanna Madalosso acaba de lançar ‘Batida só’

de, sofrer de uma severa arritmia cardíaca em “Batida só” (Todavia, R\$ 54,90), recém-chegado às livrarias, não precisa de subterfúgios beirando a criminalidade para se sustentar.

Se Maria João é mais “parecida” com sua criadora, a saga que empreende tem semelhança com as trajetórias de suas antecessoras. As narrativas movimentadas são características de Giovanna Madalosso. Seus dois romances anteriores, ambos finalistas do Prêmio

São Paulo, tiveram direitos vendidos para o cinema. Os dez contos do primeiro livro, “A teta racional”, de 2018, exploram situações-limite e contemporâneas, mesclando doses de humor, desespero e crueldade, como a da mulher recebe a visita do pai de seu filho, fruto do sexo casual entre o casal de desconhecidos numa festa.

Em “Batida só”, a jornalista precisa fazer um cateterismo, caso os medicamentos para

o coração e para a ansiedade não melhorem seu quadro. Ela se instala na casa onde passou boa parte da infância, numa cidade do interior, trabalhando em home office e reencontrando os companheiros do passado. Quando retoma a amizade com a evangélica Sara, mãe de Nico, um menino com câncer linfático terminal, acaba acompanhando mãe e filho até o interior de Goiás, onde aceita submeter-se, ao lado do garoto, a uma operação espiritual.

Se Maria João representa as mulheres urbanas da atualidade, amedrontada diante da própria mortalidade, Sara é a evangélica cuja genuína fé não se curva às necessidades pessoais. Sexualmente livre, Sara espera seduzir um homem rico para custear o tratamento do filho. Maria João, atea, não questiona a crença dos que procuram a cura espiritual. Não existe embate entre os credos – o materialismo e a espiritualidade. Só há a convivência da vida com a finitude.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

Na maré oposta

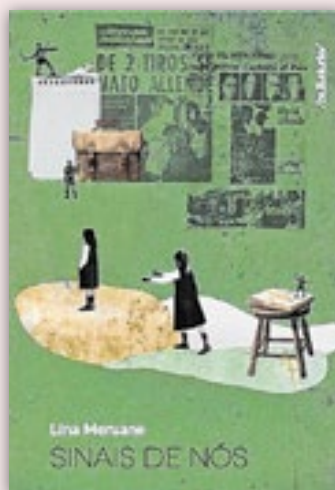
“Papai” (Intrínseca, R\$ 69,90), da norte-americana Emma Cline vai contra a maré da ficção identitária do momento. Não há defesa contundente de etnias, nem libelos contra o machismo. O desalento é a principal característica dos personagens de Cline, que são brancos, boa parte vive na Califórnia, vêm de diversas camadas

sociais e estão enfrentando momentos de dificuldade ou descoberta. A solidão é a maior companheira dessas pessoas em busca de sentido na vida, que sofrem com o fim da ingenuidade, choques culturais e a falta de entendimento entre as famílias, à medida que os filhos se tornam adultos.



Memórias do arbítrio

“Sinais de nós” (Relicário, R\$ 59,90), da chilena Lina Meruane, é mais um bom título da coleção Nos. Outras, que reúne reflexões de pensadoras latino-americanas. A autora lembra sua infância no Chile sob Pinochet, quando seus colegas do colégio britânico para crianças de classe média alta abandonam os estudos – por falta de recursos para pagar a escola ou problemas políticos das famílias. A violência “sem nos tocar, sem ferir os nossos” atinge até quem não se considera conivente com a ditadura.



Destino desafiado

“Miséria” (Moinhos, R\$ 69,90), da argentina Dolores Reyes, continua a saga da personagem Cometera, protagonista de seu romance de estreia. Miséria é uma jovem otimista, grávida do companheiro Walter, irmão de Cometera, que tem o dom de localizar o paradeiro de corpos de desaparecidos políticos, ingerindo terra. Cometera foge de seu próprio destino, escondendo suas habilidades dos novos vizinhos, pois sofre ao se deparar com a realidade. Alternando as narrativas das duas mulheres, a autora levanta o quanto as perseguições políticas abalaram inocentes e militantes.

